

Revista Mídia e Cotidiano

ISSN: 2178-602X

Editorial

Volume 15, Número 1, jan./abr. de 2021

**Do enlace sertanejo-política ao empreendedorismo:
definitivamente, o mundo midiático não é plano!**

*From the backcountry-political link to entrepreneurship:
definitely, the media world is not flat!*

*Desde el vínculo sertanejo-política al espíritu empresarial:
¡el mundo de los medios definitivamente no es plano!*

Denise TAVARES¹

Isabella REGA²

Renata TOMAZ³

A circularidade da Terra, posta em questão nos últimos anos, ampliou nossas inquietações quanto às dificuldades gigantescas que a ciência tem em se comunicar com a população. E neste janeiro de 2021, um novo ano que se realiza como continuidade do anterior, em função, claro, da pandemia mundial provocada pela Covid-19, o *link* entre população e comunicação da ciência nunca foi tão necessário. Sob essa perspectiva, construir uma edição na área da Comunicação e Informação reveste-se, também mais do que nunca, de gravidade e alegria. Gravidade no sentido de publicar artigos que contribuam, com largueza, às tensões, discussões e assertivas que desenham, hoje, o nosso território. Afinal, em tempos de negacionismo da ciência, de mentiras plantadas para garantir ganhos políticos, de tratamento dos adversários como inimigos que merecem

¹ Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense e professora e pesquisadora do PPG Mídia e Cotidiano. E-mail: denisetavares51@gmail.com ORCID: 0000-0001-5692-7356.

² Ph.D. em Ciências da Comunicação, com Mestrado Executivo em Comunicação Intercultural. é atualmente Professora Principal em Literacias e Educação Digital no CEMP - Centro de Excelência em Prática de Mídia e membro do Civic Media Hub da Bournemouth University. E-mail: rega.isabella@gmail.com

³ Jornalista e professora, com doutorado e mestrado em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. Pós-doutoranda com Bolsa PNPd/Capes no PPG Mídia e Cotidiano/UFF. E-mail: renatactomaz@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1054-7934.

desaparecer da face do planeta, entre outras posturas antiéticas, compreender e avaliar o papel da Comunicação tem sido vital para projetarmos quaisquer possibilidades de um mundo menos desigual, menos cruel e mais pautado pelo respeito e direito às diferenças, em seus múltiplos acessos. E alegria, porque, sem dúvida, os textos que temos recebido para publicação confirmam que há hoje um nível de engajamento denso, pleno de vitalidade, questionador e envolvente, de um número muito significativo de pesquisadores da área. O que nos motiva, muito, sem dúvida, a esquecer os recessos de fim de ano e abraçar a “empreitada” de publicar esta edição quando nossa vontade – honestamente falando – seria a de descansar alguns dias.

Assim, neste cenário que focamos tão rapidamente, não podíamos iniciar a apresentação dos artigos sem antes agradecer ao fotógrafo Rennato Testa por nos ceder a foto da capa, tirada em Saragoça (Zaragoza, em espanhol), a capital da região de Aragão, localizada no nordeste da Espanha. Trata-se, como muitos devem saber, de um dos mais famosos locais de peregrinação desse país, onde a presença moura irrigou profunda influência e marcou a arquitetura da cidade. Um ponto do mundo, portanto, onde os embates das culturas e das guerras moldaram o espaço urbano, como ocorre, de diferentes modos, em milhares de lugares nesta redonda Terra que, na foto, é simbolicamente representada em um gesto marcado pela brincadeira que expressa algo inquietante: para onde estamos empurrando esse nosso planeta?

Não há resposta que não pareça redutora diante do caos, desafios e sensação de impotência que temos vivido tão intensamente nos últimos anos da realidade brasileira. Mas, “dentro” do mundo, a proposta é, de certo modo, fazer o movimento a contrapelo da história de destruição que temos vivido. Por isso, é um profundo prazer abrir a edição com o texto “Universo sertanejo: amor traído e Bolsonaro” que procura ampliar as reflexões e contribuições que o enlace entre o universo musical sertanejo e a eleição para presidente do Brasil em 2018, de Jair Messias Bolsonaro, podem indicar. Uma proposta desenvolvida pelos pesquisadores Vera França e Vanrochris Vieira que, ao investigarem esse estilo musical nos últimos anos, localizaram um apoio quase total nesse nicho, ao então candidato Bolsonaro. A justificativa para essa posição, conforme o texto, seria a afirmação da necessidade de ordem no país e da validade do uso de armas. Além disso, o diagnóstico apresentado pelo artigo encontra nas músicas desse “sertanejo” que é sucesso

nacional, as temáticas e afirmações de comportamentos que os autores, apoiados conceitualmente em Zizek, consideram basilares para a compreensão desses elementos aparentemente díspares que envolvem uma “formação discursiva conservadora, delineada por um modelo de masculinidade”, conforme define o *locus* da pesquisa.

Também articulando música e política, o artigo seguinte, “A vitalidade da música na cidade de Rio das Ostras (RJ): transformações, conflitos e negociações sociais”, escrito por Micael Herschmann, Cíntia Sanmartin Fernandes e Flavia Barroso, mostra o quanto esse elo pode contribuir – ou não – com as mudanças e o desenvolvimento dessa cidade balneária. A chave, aqui, é localizar o texto como mais um esforço de delinear as potencialidades que a música propicia, quando observada como uma atividade urbana que pode evidenciar as transformações e embates sociais que permeiam a vida da cidade e região, um lugar marcado pelo turismo e, no caso de Rio das Ostras, por uma candidatura, em 2019, à conquista do selo “Cidade Criativa”, da UNESCO.

Na sequência, o artigo “Para centralizar o periférico: personagem, raça e classe em *Aquarius*” desloca a análise dos processos comunicacionais da música para o cinema, ao tomar como objeto empírico o filme *Aquarius*, de Kleber Mendonça Filho. Interessa ao artigo, escrito por Luís Henrique Marques Ribeiro e Luiz Antonio Mousinho Magalhães, movimentar-se pela hipótese de que, na obra que analisam, o lugar periférico das personagens empregadas domésticas pode, a partir da relação entre elas e a patroa, personagem principal, empurrar para o centro o que os autores chamam de “representações raciais complexas”.

Mantendo o olho na tela, mas agora da televisão, publicamos em seguida o artigo “O sexo e o amor sob a ótica de receptoras de telenovela do horário nobre”, de Sandra Depexe, Laura Roratto Foletto, Glaíse Bohrer Palma, Tissiana Nogueira Pereira e Filipe Bordinhão dos Santos. O texto, que procura apresentar um estudo de recepção como o próprio título revela, entrelaça a relação das mulheres da classe dominante e as representações de relacionamentos amorosos e sexuais que as telenovelas exibem. Para os autores, as tensões cotidianas que essas pessoas do sexo feminino vivenciam nas suas classes sociais, impactam o modo como a maioria das entrevistadas avalia e apreende os papéis de gênero que o produto televisivo apresenta, confirmando, por esta avaliação,

uma significativa distância entre valores reconhecidos e valores vivenciados. O que não é exclusividade, claro, desse grupo, pois quem é a mulher hoje, ou o que é o feminino, integra uma pauta ampla como bem pode ser observado no próximo artigo, “Mothers I’d like to fuck: mulheres-mães pornográficas no YouPorn”, escrito por Luiz Felipe Zago e Thanise Guerini Atolini. Aqui, o objetivo é promover uma análise cultural de três vídeos da plataforma canadense YouPorn, classificados nos gêneros “*milf*” (abreviação de *mother I’d like to fuck*, cuja tradução livre para o português seria “mãe com quem eu gostaria de fazer sexo”) e “*amateur*” (amadora). Entre outras questões contempladas pelo arcabouço de discussões propostas, está um diagnóstico do quanto a pornografia tem sido alimentada por produções não-profissionais de mulheres mais velhas.

A produção de conteúdo em plataformas digitais também figura na construção do objeto de investigação do artigo “O que os adolescentes pensam sobre o compartilhamento de si na internet”, de Lara Lima Satler e Ana Julia de Freitas Carrijo. Ambas realizaram um estudo cartográfico com o objetivo de compreender que sentidos os mais jovens atribuem à prática, cada vez mais comum, de compartilhar conteúdos a respeito de si, particularmente no Instagram. Diferentemente das percepções naturalizadas sobre a relação de adolescentes com a tecnologia, a pesquisa revelou que boa parte dos respondentes, moradores da cidade de Goiânia (GO), abordou criticamente a prática de postar autonarrativas.

Em “O visível e o invisível da imagem em Bavcar: considerações e inversões sobre o visível pictórico e o invisível textual”, os autores se valem da proposta de produção de imagem do fotógrafo cego para problematizar o lugar da imagem em uma cultura “oculocêntrica”. Sérgio Coutinho dos Santos, Daniela do Carmo Kabengele, Walcler de Lima Mendes Júnior e Lorena Nascimento Monteiro rejeitam a ideia da imagem como mera tradução de um suposto real. Como perspectiva teórico-metodológica, argumentam que a imagem é, também, formada por invisibilidades, constituídas de afeto, de história, de memórias que, na percepção de alguém que não vê, aparecem.

A cultura visual retorna no artigo seguinte: “O jogo dos falsos tronos: do arquétipo nobre ao estereótipo esnobe”, de Marcus Vinicius de Paula e Lucas Almeida de Melo. Com base em uma densa exposição sobre a passagem de figuras nobres

arquetípicas a uma estereotípiia esnobe, nas pinturas academicista e histórica, os autores analisam características gráficas e conceituais da ilustração da capa do jogo *The last banquet*. O objetivo é identificar elementos que possam apontar as raízes de uma comunicação visual moderna, no âmbito de uma cultura do consumo, e pensar em que medida o esnobismo do século XIX sobrevive no consumidor do século XXI.

Por fim, dois artigos encerram a edição tomando os processos midiáticos como objeto de investigação. Em “Folkcomunicação nas transformações tecnológicas e midiáticas contemporâneas”, Yuji Gushiken oferece uma reflexão que atualiza os modos de compreender as dinâmicas da cultura popular e os processos de apropriação midiática no contexto da popularização das tecnologias. O texto recupera os marcos fundadores da teoria da folkcomunicação e estabelece diálogos conceituais diante das transformações socioculturais e tecnológicas das últimas décadas. Já Julia Salgado analisa a produção midiática discursiva do empreendedorismo. O artigo “Microempreendedor individual e a noção de cidadania empresarial”, a partir de uma análise crítica das narrativas que constituem a figura do microempreendedor individual, debate o modo como os discursos jornalísticos, particularmente do jornal *Folha de S. Paulo*, sustentam a construção da noção de cidadania empresarial.

Boa leitura!

Denise Tavares, Isabella Rega e Renata Tomaz (Editoras-chefes)